



A SAÚDE MENTAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS: APONTAMENTOS SOBRE A PARCERIA DE TRABALHO ENTRE A APP – PUC MINAS E O BAPU DE RENNES NA FRANÇA

THE MENTAL HEALTH OF UNIVERSITY YOUNG PEOPLE: APPOINTMENTS ON THE PARTNERSHIP OF WORK BETWEEN APP - PUC MINAS AND THE BAPU DE RENNES IN FRANCE

Aline Aguiar Mendes¹

RESUMO: Em nossa realidade social o tema do sofrimento psíquico de jovens universitários não é mais ignorado, e já ganhou espaço em meios de comunicação de massa e científicos. É preciso notar que a preocupação com a saúde mental dos estudantes universitários não está presente somente no Brasil. Outros países também demonstram preocupação com o que vem apresentando o público universitário. A necessidade de estudos nessa área ensejou uma parceria de estudos entre a APP – Assistência Psicológica aos alunos da PUC Minas – e o BAPU (Bureaux D'Aide Psychologique Universitaire) da Universidade de Rennes na França. Essa parceria tem como objetivo um melhor entendimento da temática apresentada e também um aperfeiçoamento na proposição de políticas institucionais e práticas clínicas nesse contexto. Constatou-se que tanto na Universidade de Rennes na França quanto na PUC Minas há um serviço de atenção à saúde mental dos estudantes universitários. O BAPU de Rennes constitui-se como um serviço de acolhimento e cuidado clínico aos universitários fora da universidade, que recebe tanto os estudantes diretamente, quanto aqueles encaminhados dos dispositivos de acolhimento instalados dentro da universidade. Já a APP visa acolher a urgência subjetiva no contexto da universidade e encaminhar para a rede de profissionais capacitados externos a PUC Minas. Para finalizar, ressalto que o desafio atual referente à saúde mental dos jovens universitários deverá ser enfrentado e compreendido pelas universidades para que sejamos comprometidos com o que nos concerne em nosso tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental; Estudantes universitários; Políticas institucionais; Práticas clínicas.

ABSTRACT: In our social reality the theme of the psychological suffering of university students is no longer ignored, and has already gained space in mass media and scientific. It should be noted that the concern for the mental health of university students is not present only in Brazil. Other countries are also concerned about what the university public has been presenting. The need for studies in this area led to a study partnership between the APP - Psychological Assistance to PUC Minas students - and the Bureaux d'Aide Psychologique Universitaire (BAPU) of the University of Rennes in France. This partnership aims at a better understanding of the theme presented and also an improvement in the proposal of institutional policies and clinical practices in this context. It was found that both at the University of Rennes in France and at PUC Minas there is a mental health service for university students. The BAPU of Rennes constitutes a reception and clinical care service for university students outside the university, which receives both students directly and those sent from the reception devices installed inside the university. The APP aims at accepting the subjective urgency in the context of the university and directing to the network of trained professionals external to PUC Minas. To conclude, I emphasize that the current challenge regarding the mental health of young university students must be faced and undertaken by universities so that we are committed to what concerns us in our time.

KEYWORDS: Mental health; University students; Institutional policies; Clinical practices.

1 INTRODUÇÃO

Em nossa realidade social o tema do sofrimento psíquico de jovens universitários não é mais ignorado, e já ganhou espaço em meios de comunicação de massa. No final do ano

¹ Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas; Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; coordenadora a APP – Assistência Psicológica aos Estudantes da PUC Minas; Coordenadora do CIEN Minas do Campo Freudiano / IPSM- MG – EBP MG. alineaguiarmendes@gmail.com



passado, por exemplo, o suicídio de um aluno de medicina tomou as páginas dos jornais mineiros e de outros estados do Brasil, destacando a questão. Ela apareceu, também, no Jornal Estado de São Paulo, em setembro de 2017, e no Jornal Estado de Minas, que chamou atenção para dois suicídios registrados no Curso de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e para registros de estudantes com o que considerou de “atitudes extremas”, em novembro de 2017. Esse Jornal trouxe, ainda, o registro de uma pesquisa da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, no qual 25% dos alunos de medicina apresentavam sintomas de depressão, ou a própria depressão já instalada. No dia 01 de agosto deste ano, 2018, o Jornal Folha de São Paulo, apresenta matéria extensa noticiando a ocorrência de 4 suicídios em dois meses na Universidade de São Paulo (USP), o que fez com que a universidade criasse um escritório de Saúde Mental na instituição.

Nesse cenário são elaboradas pesquisas, trabalhos acadêmicos, discussões que, na verdade, embora tragam dados preocupantes, mais demonstram a necessidade e importância de se deter com cuidado no assunto. O que se constata, nas leituras de trabalhos acadêmicos sobre a temática, é o esforço dos autores e pesquisadores no sentido de compor um estudo quantitativo e qualitativo dos registros psicopatológicos encontrados, com a utilização de questionários, escalas, testes ou entrevistas semiestruturadas. Em geral, buscam descrever as manifestações do sofrimento psíquico, apresentadas por estudantes, estabelecendo uma relação direta entre os resultados das aplicações de questionários e testes ou entrevistas, com a queixa apresentada. Neste sentido, faltam estudos que se atêm mais detidamente ao que os universitários dizem acerca de seus sofrimentos.

Por essa razão, foi aprovada em 2018, para realização em 2019, uma pesquisa FIP – Fundo De Incentivo a Pesquisa da PUC Minas – em parceria com o Curso de Psicologia da PUC Minas no Coração Eucarístico e com a Clínica Escola a ele vinculada sobre a APP – Assistência Psicológica aos Alunos da PUC Minas, coordenada por mim. A pesquisa tem como objetivo descrever e compreender as demandas atendidas e o modo de funcionamento desse dispositivo.

É preciso notar que a preocupação com a saúde mental dos estudantes universitários não está presente somente no Brasil. Outros países também demonstram preocupação com o que vem apresentando o público universitário. A necessidade de estudos nessa área ensejou uma parceria de estudos entre a APP – Assistência Psicológica aos alunos da PUC Minas – e o BAPU (Bureaux D’Aide Psychologique Universitaire) da Universidade de Rennes na França. Essa parceria tem como objetivo um melhor entendimento da temática apresentada e tam-

bém um aperfeiçoamento na proposição de políticas institucionais e práticas clínicas nesse contexto.

Como parte dessa parceria, em dezembro de 2018, foram realizados encontros com o professor da universidade de Paris VIII, Fabian Fajnwaks e com Danièle Olive, psiquiatra e coordenadora do BAPU de Rennes.

A seguir, farei uma breve explanação acerca dos dois dispositivos – APP e BAPU de Rennes - para depois extrairmos alguns pontos de convergência entre as duas experiências.

2 DISPOSITIVOS DE ACOLHIMENTO AO PÚBLICO UNIVERSITÁRIO

2.1 Sobre a APP

O Projeto de Assistência Psicológica da PUC Minas, APP PUC Minas, iniciou-se em 2002. Em 2014 uma proposta semelhante foi apresentada à Faculdade de Psicologia da PUC Minas, FAPSI, com o objetivo de desenvolver não somente o atendimento da crescente demanda de discentes com algum tipo de sofrimento mental, mas, também o de responder às exigências do MEC, referentes às políticas de atendimento aos discentes, apresentadas no instrumento de Avaliação institucional externa, no eixo 3 das “Políticas Acadêmicas”. (RELATÓRIO APP, 2015).

Em 2015 a FAPSI constituiu uma comissão de professores e gestores para discutir uma nova proposta, tendo em vista a constatação, por parte dos gestores da universidade, do crescente número de alunos com sofrimento mental, alguns muito graves, no âmbito da Universidade. Essa situação gerava dúvidas sobre como acolher e como fazer o encaminhamento dessas demandas. Até aquele momento, em meio a objetivos amplos, mencionados acima, a APP funcionava com a assistência psicológica continuada aos discentes sendo realizada por três alunos bolsistas, cada qual com de dez horas semanais, e supervisionados por um professor. E assim seguiu até 2016. Como a questão concernia a todos Campi/Unidade, a FAPSI preocupou-se em fazer uma proposta que pudesse abranger, de modo exequível os desafios colocados em pauta.

Durante as discussões iniciadas em 2015, um dos pontos salientados foi a necessidade de se demarcar que a universidade deve se constituir como um espaço de acolhida e não de tratamento psicológico de discentes que manifestam sofrimento mental ou outras dificuldades, pela própria natureza da instituição. O acolhimento e o encaminhamento responsável daqueles que procuram os atendimentos foram enfatizados, não ignorando o fato de que havia, em dife-

rentes Campi/unidades, formas distintas e desconexas de ação para lidar com a questão do atendimento dos discentes.

Após essas discussões construiu-se uma proposta que tinha o objetivo geral de criar um serviço de acolhimento de alunos da PUC Minas (APSE – Acolhida Psicossocial de estudantes da PUC Minas), em situação de crise e/ou dificuldades emocionais, realizado a partir das ações desenvolvidas por estagiários de Psicologia, sob a supervisão de um profissional da Psicologia (professor ou psicólogo contratado). No entanto, verificou-se a necessidade de sistematização de dados quantitativos e qualitativos que pudessem fundamentá-la. Nesse sentido, em 2017 foi iniciada uma proposta de reorganização das ações desenvolvidas na APP, etapa crucial em direção a novos passos, e no segundo semestre de 2017, momento em que assumi a APP, temos buscado fazer uma nova construção que visa contemplar o desafio do trabalho clínico com os jovens universitários que nos procuram.

Atualmente, a APP, localizada na Clínica Escola do Curso de Psicologia da PUC Minas, unidade Coração Eucarístico, consiste em local onde se realiza uma escuta pontual, feita por três estagiários bolsistas e um monitor voluntário do curso de psicologia, sob orientação de um professor. O objetivo tem sido acolher e dar apoio para os alunos que necessitam de uma intervenção no campo da Psicologia. Quando bolsistas e supervisor consideram que não há uma urgência subjetiva², os alunos são encaminhados para o atendimento externo à PUC Minas, a exemplo de clínicas sociais e para profissionais egressos da universidade. Ao ser considerado que no caso há necessidade de um trabalho da urgência subjetiva, o que internamente tem sido denominado como “casos de prioridade”, os alunos usuários da APP são atendidos por um período de quatro a oito sessões e, posteriormente, são encaminhados para atendimento externo, em clínicas sociais e/ou profissionais egressos da universidade, conforme já dissemos.

No decorrer do ano de 2018 foram atendidos um total de 407 alunos. Houve 66 casos considerados “casos de prioridade”, de acordo com discussões em supervisão. Em nossa experiência temos atendido um número grande de alunos jovens, na sua grande maioria entre a idade de 18 a 23 anos, contabilizando no 2o semestre de 2018, aproximadamente 80% dos casos atendidos. Alguns deles são considerados por nós como casos de prioridade, conforme dito anteriormente. Outros casos são acolhidos e encaminhados para rede de profissionais fora da instituição. Nestes últimos, os sujeitos ou expressam o interesse e a possibilidade financeiri-

² O termo urgência subjetiva será esclarecido mais à frente neste texto no item “a solidão dos jovens na contemporaneidade”.

ra para fazerem um acompanhamento clínico fora da universidade ou apresentam queixa escolares muito pontuais e são encaminhados para setores responsáveis.

Nos casos considerados de prioridade são apresentados relatos de tentativas de autoextermínio; intensa angústia ou ansiedade. É preciso relatar que embora inicialmente a queixa venha formulada como uma queixa escolar: “não consigo me concentrar”, “dificuldades com colegas”, “falta de interesse pelo curso”, em pouco tempo de escuta outras questões vêm à tona distantes da queixa inicialmente apresentada.

2.2 Sobre o BAPU de Rennes³

O Bureaux D’Aide Psychologique Universitaire, BAPU, são centros de atendimento para universitários que desejam ajuda psicológica. O BAPU de Rennes segue a orientação das terapias da fala e trabalham com a restauração de um elo com o laço social com base nos recursos dos sujeitos. Para tal trabalham na perspectiva da psicanálise aplicada já que visam o deslocamento da queixa inicial para implicação do sujeito no mal-estar apresentado. Eles estão localizados fora da universidade e são compostos prioritariamente de psicanalistas (psicólogos e psiquiatras) e de uma assistente social que fazem entrevistas e consultas.

Na universidade de Rennes há também uma ajuda médica dentro da universidade aos estudantes que podem atender urgências psíquicas e encaminharem ao BAPU. Os universitários também podem procurar diretamente esse dispositivo de cuidado. Para casos mais graves, como tentativas de auto-extermínio e desencadeamento psicóticos, os estudantes são encaminhados ao hospital dia, que atende os universitários.

O número de casos atendidos em 2017 pelo BAPU de Rennes é de 387 casos. Esse dado referente ao número de estudantes acolhidos é semelhante ao encontrado na APP, em 2018. Outro dado bastante semelhante refere-se à constatação de que aproximadamente 80% dos estudantes atendidos são jovens, entre as idades de 18 a 23 anos.

Nessa perspectiva, em nossa reunião de pesquisa constatamos pontos importantes de convergência do trabalho, quais sejam:

- 1) o público atendido, em sua maioria, é muito jovem;
- 2) é preciso se atentar para as questões referentes à juventude e solidão na contemporaneidade;

³ Grande parte das informações presentes nesse item está disponibilizada no relatório do BAPU de Rennes em 2017.

- 3) há necessidade de um dispositivo de acolhimento à urgência subjetiva dos universitários.

2.3 Os jovens e os efeitos da ordem simbólica social

Segundo os dados da OMS delimita-se como juventude a faixa etária que se estende dos 15 aos 29 anos, reservando aos teenagers, o termo adolescência. No entanto, esses dados são muito limitados quando trabalhamos com a clínica orientada pela escuta do sujeito (CAMPOS, 2016). Esta nos permite entender que a questão do sujeito obedece a uma outra temporalidade, distinta da cronológica. Nessa perspectiva, se pensarmos o tempo do sujeito e não o tempo cronológico, encontramos estudos como de Phillipe La Sagna (2016) que nos remete a um prolongamento da adolescência no mundo contemporâneo. Ou seja, cada vez mais encontramos sujeitos para os quais uma indefinição e a angústia de situar-se na partilha dos sexos se prolonga.

Longe de tentarmos patologizarmos essa questão, pretendemos aprender com ela. E o que esse tempo da juventude/adolescência nos ensina, como ele nos permite elaborar sobre o tempo atual. Para a psicanálise, a adolescência corresponde ao modo como o sujeito vai se deparar com o desejo sexual e buscar um modo de saber fazer com ele. A adolescência designa um momento singular, um momento de transição que depende do tempo de cada um. (Lacadée, 2016)

Uma das grandes contribuições de Freud sobre essa temática é sua elaboração sobre a metamorfose da puberdade nos remetendo a escolha de objeto que implica uma referencia ao Outro sexo em sua alteridade.

Com Lacan, vamos mais longe. Com a noção de que “não existe relação sexual”, podemos dizer que o encontro com o sexo, com o objeto se choca sempre com um impasse, um impossível da não relação sexual.

Podemos dizer que a adolescência é o tempo de encontro com a não-relação sexual, no qual não há uma resposta pré-estabelecida sobre o que fazer com face ao Outro sexo. (Lacadée, 2016)

Nesse sentido, há também um desligamento dos ideais paternos, que não responde mais às questões provenientes de transformação com o corpo e com o Outro. Por isso, a adolescência será também um tempo de construção. (Lacadée, 2016)

Nesse contexto atual, concordamos com Domenico Conzenza (2016) quando faz notar que o encontro com o real que a juventude impõe encontra atualmente cada vez menos lugar no Outro da experiência enquanto uma mediação simbólica.

Estamos de acordo com Damasia Amadeo Freda (2016) ao indicar que não podemos pensar que o que os jovens nos ensinam nos coloca diante de uma clínica que borra a estruturas clínicas, nos colocando a aprender um outro modo de fazer frente ao real. Além disso, a psicanalista enfatiza que o jovem de hoje é diferente do jovem freudiano, para o qual o principal trabalho seria desfazer das primeiras figuras de identificação. Atualmente, parece que essas balizas identificatórias são frágeis, instáveis. O trabalho a ser realizado pelos jovens não seria mais uma busca de desidentificar-se, mas a busca de um nome que os identifique. Encontramos, então, uma desorientação nos jovens de nossa época, um “não saber”, que não se refere a uma verdade oculta no sintoma, mas um não saber que demonstra a fragilidade e instabilidade de balizas identificatórias simbólicas. (DAMASIA, 2016).

O trabalho com os relatos dos jovens na APP parece indicar uma ruptura a um modo de responder a demanda do Outro, ainda localizada na relação com os pais. A angústia relatada ou a tentativa de suicídio coincidem ainda com o momento de localizarem-se na diferença sexual, no laço amoroso e tocam o corpo. Parece não haver coordenadas identificatórias que permitam esse jovem se orientar no laço social. É preciso ressaltar ainda que quase sempre esses jovens revisitam um período do início da passagem para a adolescência, no qual, ocorreu a primeira tentativa de suicídio, crise de angústia ou depressão.

De forma semelhante no BAPU de Rennes o modo de vida dos estudantes muitas vezes isolado de seu meio familiar, a incerteza quanto ao futuro e a crise existencial da passagem a vida adulta desfilam com as causas importantes de fragilidades apresentadas pelos jovens.

Daniel Roy (2016) em uma entrevista para Jornada da EBP Minas Gerais (estado ao qual pertencem no Brasil), crê

que podemos dizer que em todas as épocas a juventude é uma espécie de placa sensível sobre a qual se imprimem as cristalizações do tempo, as diversas crises do simbólico, do imaginário e do real, crises que acarretam modificações dos modos de gozo. No fundo, a juventude é sempre a primeira a registrar os efeitos de uma época. Existe nela uma supremacia na captura do que muda. Portanto, não se trata de uma questão de idade.

Isto posto, nos perguntamos sobre o que os jovens universitários podem nos ensinar sobre a essa nova ordem mundial

2.4 A solidão dos jovens na contemporaneidade

Atualmente, temas como angústia, medo, insegurança, incerteza estão presentes nos variados discursos cotidianos. Para retratar essa realidade, Bauman (2007, p.10), em seu livro “Tempos líquidos”, usou a expressão “incerteza endêmica”. Isso nos faz deparar com uma generalização de um sentimento de incerteza, medo, insegurança, angústia na comunidade humana. Essa generalização da incerteza é decorrente de alguns fatores, por exemplo, a pressão jogada nos ombros de cada indivíduo, dos quais se espera que sejam capazes de responder por suas próprias escolhas, mas evitando qualquer erro no percurso que pode contar com circunstâncias extremamente voláteis e constantemente instáveis.

Ainda segundo Bauman (2007), a presença da incerteza não é novidade, já que ser humano algum esteve assegurado, em momento algum de nossa civilização, dos golpes do destino. O caráter da incerteza de nossos dias, no entanto, se alia à ideia de progresso como nunca antes. O progresso civilizatório, que já teve em seu horizonte uma promessa de felicidade universalmente compartilhada e permanente, agora representa ameaça de uma mudança inexorável e inescapável. Caracteriza-se como um presságio de uma crise iminente. O futuro é antecipado e fatalista, com base numa ameaça, mesmo que sem rosto, iminente. Com base no autor é possível entender que dormindo ou insones, os pesadelos de “*ser deixado para trás, de perder o trem, ou cair da janela de um veículo em rápida aceleração*” (p. 17) atordoam a vida dos indivíduos em nossa sociedade.

Para não serem engolidas por esse terreno movediço, há cada vez mais por parte das pessoas em nossa sociedade uma busca, um crédito ao que supostamente poderia trazer uma segurança frente às incertezas ameaçadoras e proteger de um fatalismo antecipado.

O discurso da ciência, do controle dos corpos, via proteção de saúde e o mercado da seguridade mais as fórmulas publicitárias, que criam um simulacro da segurança, ganham cada vez mais espaço.

Desse modo, surge um ciclo vicioso para lidar com a incerteza, uma tentativa de nos protegermos de tudo que nos causa insegurança, o que não leva ao desaparecimento, ou diminuição do medo e da incerteza, ou da angústia, mas somente os retroalimentam. (BAUMAN, 2007).

Reportando-nos para outro campo de análise, encontramos Eric Laurent, psicanalista francês, que afirma que estamos numa época do trauma generalizado. Como diz esse psicanalista, o trauma generalizado é filho deste tempo em que o “*Outro não Existe*”, expressão utilizada por ele próprio e Jacques Alain Miller (2005) para dar nome à nossa época, na qual há a

caída dos grandes relatos, dos ideias e das tradições que antes orientavam os sujeitos. É, pois, uma época dos sujeitos sem bússolas, desorientados, que tem como correlato o desamparo, o trauma e angústia decorrentes dele.

Em contrapartida, e como produto dessa nova ordem social, vemos recrudescer o discurso da ciência que avança na descrição de nossas determinações objetivas, desde a programação genética até a programação do meio ambiente global. Com base numa causalidade determinística universal, esse discurso cada vez mais busca eliminar as variáveis contingentes, que são consideradas ameaçadoras à uma ordem programada. O mundo aparece programável como um computador. Tudo aquilo que não é programável toma a vertente de um trauma porque não pode ser controlável sendo, portanto, violento, traumatizante, ameaçador. A definição de uma experiência traumatizante se estende a qualquer experiência que comporte o encontro com um risco importante para a segurança ou saúde do indivíduo. (LAURENT, 2004). Na lista dos perigos se misturam qualquer tipo de catástrofe técnica, de acidente individual ou coletivo, com uma agressão individual, um atentado, a Guerra ou violação.

Um dos exemplos desse discurso, que interessa de perto à nossa realidade, é o aumento e atenção presentes nos Manuais de Psiquiatria atuais. Neles, a experiência do traumático tem sido traduzida com base numa série de diagnósticos. Há também a tentativa de eliminar essa experiência através de medicamentos e de intervenções que buscam ajustar as pessoas à vida social e afastar o que é ameaçador para elas.

Nesse contexto, as instituições de saúde, saúde mental, dentre outras, como as universitárias, atualmente, são cada vez mais atravessadas pelo que é chamado de urgência, que exige das instituições e profissionais respostas rápidas e eficazes, sob o risco do sujeito atentar contra si próprio ou outrem. (SOTELO, M. BELAGA, G. 2008).

Desse modo, a clínica da urgência subjetiva parece ser um correlato clínico e, mesmo, uma resposta à generalização do desamparo e incerteza generalizados. (BELAGA, G. 2005). Nessa perspectiva, podemos pensar, inclusive, que está em jogo algo da ordem de uma mudança no estatuto da urgência, caracterizado pelo surgimento de variados quadros clínicos que a compõem. É possível notar, no entanto, com base na experiência cotidiana das variadas práticas clínicas, referidas às urgências subjetivas, que nelas devemos agregar as patologias de consumo, as compulsões, os transtornos alimentares, bem como a desregulação do humor, as dificuldades com a diferença sexual também nas demandas vinculadas às urgências clínicas. (MACEDO, L. et al, 2010).

Em ambos os contextos – tanto da APP quanto do BAPU de Rennes - temos encontrado na experiência clínica o desamparo, a incerteza e a solidão deles decorrente. Além disso, notamos um desamparo em relação ao futuro, que envolve a profissão e escolhas amorosas.

2.5 A Necessidade de um serviço de acolhimento à urgência subjetiva para os universitários

Tendo em vista o que dissemos acima, consideramos que as universidades, devem enfrentar o desafio de oferecer um dispositivo de acolhimento para as urgências subjetivas que surgem no contexto universitário. Esse dispositivo deve acolher e não se constituir enquanto um tratamento contínuo, não somente pela natureza e limitações de uma instituição universitária na oferta deste tipo de tratamento como também pelo fato da universidade não poder se instituir como Outro que tudo oferece e sabe. Essa posição pode gerar efeito adversos, impedindo a responsabilização subjetiva do estudante frente a suas questões subjetivas.

Tanto na Universidade de Rennes na França quanto na PUC Minas há um serviço de atenção à saúde mental do universitário na instituição. O BAPU de Rennes constitui-se como um serviço de acolhimento e cuidado clínico aos universitários fora da universidade, que recebe tanto os estudantes diretamente, quanto aqueles encaminhados dos dispositivos de acolhimento instalados dentro da universidade. Conforme já dissemos a APP visa acolher a urgência subjetiva no contexto da universidade e encaminhar para a rede de profissionais capacitados externos a PUC Minas

Para finalizar, ressalto que o desafio atual referente à saúde mental dos jovens universitários deverá ser enfrentado e empreendido pelas universidades para que sejamos comprometidos com o que nos concerne em nosso tempo.

REFERÊNCIAS

AMADEO DE FREDA, D. A desorientação nos adolescentes: um dos nomes da subjetividade contemporânea. In CALDAS, H. (Org.). **Errancias, Adolescências e outras estações**. Belo Horizonte, Editora EBP. 2016

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2007

CAMPOS, S. “**jovens.com: corpos e linguagens**”: eixos de investigação e pesquisa sobre a juventude, 2016. Disponível em: <<http://minascomlacan.com.br/jovens-com-corpos-linguagens>>. Acesso em: 01 de nov. 2018.

CONZENZA, D. Entrevista XX Jornada da EBP. In: CAMPOS, S. **“jovens.com: corpos e linguagens”**: eixos de investigação e pesquisa sobre a juventude, 2016. Disponível em: <<http://minascomlacan.com.br/jovens-com-corpos-linguagens>>. Acesso em: 01 de nov. 2018.

LACADÉE, P. A esperança na adolescência: “delicada transição” e elemento de novidade. In: CALDAS, H. (Org). **Errancias, Adolescências e outras estações**. Belo Horizonte, Editora EBP, 2016.

LA SAGNA, P. **A adolescência prolongada: ontem, hoje e amanhã**. Disponível em: <<http://almanaquepsicanalise.com.br/edicoes/almanaque-no-16>>. Acesso em: 1 de nov. 2018.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: A angústia, 1956-7** (Dulce Duque Estrada, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LAURENT, Éric. El revés del trauma. **Virtualia** - Revista digital de la Escuela de la Orientación Lacaniana. Junio-julho 2002. Ano II, n. 6.

MILLER, Jacques-Alain. **El Otro que no existe y sus comités de ética**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MILLER, J. A. Em direção à adolescência. In: CALDAS, H. (Org). **Errancias, Adolescências e outras estações**. Belo Horizonte, Editora EBP, 2016.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Instrumento de avaliação de cursos de graduação**: presencial e à distância. Brasília: 2015.

RAPPORT D’ACTIVITÉ B.A.P.U 2017. Rennes, France. 2017

ROY, D. Entrevista XX Jornada da EBP- Minas Gerais. In: CAMPOS, S. **“jovens.com: corpos e linguagens”**: eixos de investigação e pesquisa sobre a juventude, 2016. Disponível em: <<http://minascomlacan.com.br/jovens-com-corpos-linguagens>>. Acesso em: 01 de nov. 2018.